

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE: ENFERMAGEM

**PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM
DE UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO,
SETE LAGOAS - MG**

Milene Silva Rodrigues

Belo Horizonte

2012

Milene Silva Rodrigues

**PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM
DE UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO,
SETE LAGOAS - MG**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade Federal de Minas Gerais, Pólo Corinto, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof^a Dr^a Lenice de Castro Mendes Villela

Belo Horizonte

2012

Rodrigues, Milene Silva.
R696p Perfil dos alunos do curso técnico em enfermagem de
uma escola
profissionalizante no município Sete Lagoas [manuscrito]. /
Milene Silva
Rodrigues. – Belo Horizonte: 2012.
48f.

Orientadora: Lenice de Castro Mendes Villela.
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de
Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) da Universidade Federal de
Minas Gerais, para obtenção do título de Especialista.

1. Educação em Saúde. 2. Enfermagem. 3. Ensino. 4.
Dissertações Acadêmicas. I. Villela, Lenice de Castro
Mendes. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Enfermagem. III. Título

WI 100.4

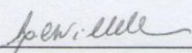
NLM:

Milene Silva Rodrigues

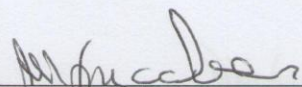
**PERFIL DOS ALUNOS DE UM CURSO TÉCNICO DE
ENFERMAGEM DE UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO - SETE LAGOAS - MG**

Trabalho apresentado ao Curso de
Especialização em Formação Pedagógica em
Educação Profissional na Área da Saúde:
Enfermagem – CEFPEPE, da Universidade
Federal de Minas Gerais. Pólo Corinto.

BANCA EXAMINADORA:



Lenice de Castro Mendes Villela (Orientadora)



Alda Martins Gonçalves

Data de aprovação: 10 de março de 2012

*Dedico esse trabalho a Deus, por iluminar meu caminho.
Sem Ele não seria possível à realização dessa conquista.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que ilumina todos os meus passos e me dá forças a cada amanhecer para que eu continue a minha caminhada.

A minha mãe Ana Elza, um exemplo de mulher a ser seguido, com quem aprendi que não se deve desistir e que se deve acreditar em sonhos, pois eles são realizáveis, também peço perdão pelos momentos que tive impaciência.

Ao meu pai pelo exemplo de força e determinação.

Ao meu querido Bruno, obrigado pelo amor incondicional, pelo apoio e compreensão que sempre dedicou a mim, mesmo nos dias mais tempestuosos.

Aos amigos da UFMG que conquistei ao longo do curso, por me escutar defender todo o tempo o meu tema, obrigado por apoiar e me incentivar.

A minha querida irmã, Tatiane, que sempre me apoiou nos momentos de dificuldades, sempre me motivando e me fazendo sorrir quando às vezes o meu desejo era chorar.

A querida professora Alda que foi tão temida e amada, que soube nos mostrar com suas críticas construtivas quem somos e para onde podemos ir, um exemplo de professora a ser seguido.

A tutora Flávia, que com muita compreensão soube entender nossos desafios e dificuldades para o cumprimento de nossas tarefas e muitas vezes foi flexível com os prazos, o que nos possibilitou chegar até aqui, sem sua compreensão muitos de nós teríamos abandonado o barco.

Enfim, agradeço a minha querida orientadora Lenice Villela que me guiou com competência durante todo esse longo percurso, onde pude perceber que este é apenas o início de uma jornada. Jornada esta que irei abraçar com todo o afinco, pois estou realizando um sonho que me conduz a outros muito maiores. E graças a você que soube tão bem me guiar cheguei até aqui. Muito obrigada.

RESUMO

Este estudo trata-se de um subprojeto de uma de pesquisa de avaliação de um Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, na modalidade de educação a distância desenvolvida em oito Pólos Municipais de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil UAB - MEC no Estado de Minas Gerais, realizada pela coordenação do CEFPEPE da UFMG, cujo objetivo geral é caracterizar os alunos de uma escola Técnica de Enfermagem do município de Sete Lagoas – Minas Gerais. Como objetivos específicos: Identificar os indicadores sociodemográficos dos alunos do curso técnico e a percepção do aluno em relação ao curso e ao seu processo de aprendizagem. O estudo do tipo descritivo, exploratório, com uma população formada por alunos do curso Técnico em Enfermagem. A pesquisa constou de uma etapa com a aplicação de um questionário semiestruturado para os alunos da referida escola. Os resultados do perfil sociodemográficos demonstram que os alunos são predominantemente do sexo feminino, sendo que a maioria concentra-se na faixa etária abaixo dos 20 anos de idade e no grupo dos solteiros. Quanto ao número de filhos (64%) não têm filhos e a maioria (80%) são católicos. No que diz respeito ao universo familiar, (88%) moram em casa própria e (68%) tem uma renda familiar entre 2 e 3 salários mínimos. Dentre outros resultados constatou-se que são inúmeras as dificuldades e desafios enfrentados por aqueles que recorrem à formação profissionalizante de nível médio, necessitando de investimentos não somente na educação, mas na sociedade como um todo.

Descritores: Educação em Enfermagem. Educação Técnica em Enfermagem. Ensino.

ABSTRACT

This study is a subproject of a research evaluation of a Specialization Course in Vocational Educational Training in Health: Nursing - CEFPEPE, in the form of distance education developed in eight Poles Municipal Support Face of the University Brazil Open UAB - MEC in the State of Minas Gerais, held by the coordination of CEFPEPE UFMG, whose general objective is to characterize the students of a technical school of nursing in the city of Sete Lagoas - Minas Gerais. Specific objectives: To identify sociodemographic indicators of students of technical, the students' perception about the course and its learning process. The study is a descriptive, exploratory, with a population comprised of students from the Technical Nursing. The survey consisted of a step by applying a semi-structured questionnaire for the students of that school. The socio-demographic profile shows that students are predominantly female with the majority concentrated in the age group below 20 years of age and group of singles. Regarding the number of children (64%) have no children and most (80%) are Catholics. With regard to the universe family (88%) live in their own house and (68%) have a household income of between 2 and 3 minimum wages. Among other results it was found that several difficulties and challenges faced by those who resort to mid-level vocational education, requiring investments not only in education but in society as a whole.

Descriptors: Education Nursing. Education Nursing Associate. Teaching.

LISTA DE SIGLAS e ABREVIACÕES

ABEn – Associação Brasileira de Enfermagem

Av. - Avenida

CEFPEPE - Curso de Especialização em Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem

Etic. – Ética

Fig - Figura

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

MS – Ministério da Saúde

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 12 |
| 3. OBJETIVOS..... | 13 |
| 4 REVISÃO DE LITERATURA..... | 14 |
| 4.1 Profissionalização do Técnico em Enfermagem no Brasil..... | 14 |
| 4.2 Desafios do Ensino Profissionalizante na Enfermagem..... | 15 |
| 5 PERCURSO METODOLÓGICO..... | 20 |
| 6 RESULTADOS | 22 |
| 7 DISCUSSÃO | 30 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 33 |
| REFÊRENCIAS..... | 35 |
| ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE | |
| ANEXO B – Instrumento para Coleta de Dados | |

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado a partir de um subprojeto de uma de pesquisa de avaliação de um Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem – CEFPEPE, na modalidade de educação a distância, desenvolvido em oito Pólos Municipais de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil UAB - MEC no Estado de Minas Gerais, realizado pela coordenação do CEFPEPE da UFMG. Tem como propósito conhecer o perfil do aluno do curso técnico em Enfermagem de uma escola de nível médio onde os alunos do CEFPEPE atuam como docentes.

No Brasil, o processo de formação/capacitação permanente é um instrumento importante para a regulação e qualificação do modelo de produção dos serviços de enfermagem, no contexto do processo de trabalho da saúde (PEDUZZI *et al.*; 2006).

Em relação aos técnicos em enfermagem deve-se considerar a sua capacidade de intervir de forma eficiente no enfrentamento dos problemas de saúde da população. No entanto, podem provocar danos irreversíveis à saúde dessa população. Dessa forma é importante a atuação do enfermeiro na coordenação do serviço de enfermagem e na capacitação de qualidade desses profissionais.

Neste contexto, o compromisso dos educadores enfermeiros é buscar e organizar uma formação profissional que considere as necessidades do trabalhador e não somente as perspectivas do mercado. Mas numa educação que privilegie uma formação que desenvolva as múltiplas dimensões do ser humano, condição fundamental para a cidadania efetiva e para a compreensão das mudanças na sociedade (BAGNATO *et al.*, 2007).

A grandeza de um país e sua afirmação no cenário internacional vincula-se à educação de seu povo. Promover a cidadania, oferecendo os meios básicos para que as pessoas se agarrem à passagem do tempo sem perder o fio da história, deveria estar no bojo de qualquer realização governamental. Mas, ao longo dos anos, o Brasil relegou a educação a um plano secundário. De um lado, o despreparo, espelhado nos índices altíssimos de analfabetismo e, de outro, o baixo nível de escolaridade. Assim, a qualidade da educação sempre foi um dos problemas no Brasil e a situação é agravada pelo processo de globalização e desenvolvimento tecnológico não democratizado (SANTOS; LEITE, 2006).

O mercado de trabalho em saúde vem sofrendo transformações importantes determinadas pelas políticas econômicas, tecnológicas e sociais. Essas transformações exigem

reformulações dos aparelhos formadores, para que os egressos das escolas atendam as novas demandas geradas (WETTERICH; MELO, 2007).

O presente estudo traz como questionamento: Qual é o perfil do aluno do curso técnico em enfermagem de uma escola profissionalizante no município de Sete Lagoas?

2. JUSTIFICATIVA

Considerou-se oportuno realizar essa pesquisa de campo porque o processo ensino/aprendizagem se torna mais adequado quando se conhece o perfil do aluno, e estes dados poderão auxiliar na elaboração de estratégias de ensino que atendam a características relacionadas à qualidade do ensino. É uma pesquisa de avaliação que poderá oferecer instrumentos de análise para a tomada de decisão da Escola de Enfermagem da UFMG e a Universidade Aberta do Brasil no sentido de permitir, aos diretores, coordenadores de curso de ensino superior e técnico e professores, que compõem os vários Pólos, perceberem as mudanças na formação de profissionais de nível médio em sua região. Contribuirá ainda, para que os pós-graduandos egressos do curso de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde – Enfermagem possa analisar de forma crítica e política a sua prática educativa e, por meio de um pensamento crítico e reflexivo, possam também modificar a sua postura como educadores, contribuindo assim, para uma formação de recursos humanos e técnicos de qualidade.

Esta pesquisa oferece informações que tanto caracterizarão os alunos do curso técnico da referida escola, como mostra dados sobre os fatores dificultadores do processo ensino aprendizagem. Dessa forma, também contribuirá para que os enfermeiros docentes cientes das principais dificuldades possam conscientizar e tomar providências para que a formação de profissionais técnicos em enfermagem seja feita com maior responsabilidade.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Caracterizar os alunos do curso Técnico em Enfermagem de uma Escola Técnica no município de Sete Lagoas – Minas Gerais.

3.2 Objetivos Específicos

Identificar os indicadores sociodemográficos dos alunos do curso Técnico;

Identificar a percepção do aluno em relação ao curso e ao seu processo de aprendizagem.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Profissionalização do técnico de enfermagem no Brasil

O processo de trabalho inclusive o da enfermagem é caracterizado como modalidade funcional, com a finalidade de economizar o tempo e proporcionar maior presteza na execução dos serviços na saúde. A prática apresenta-se fragmentada em atos e procedimentos isolados, desvinculados da integralidade da assistência e da atribuição de responsabilidades, diferenciando-se de acordo com o grau de qualificação do profissional. Em virtude dessa prática, surgiram as diversas categorias na enfermagem: o auxiliar, o técnico e o enfermeiro, sendo importante ressaltar que o atendente constituiu-se, historicamente, no primeiro agente da enfermagem a ser institucionalizado (ALMEIDA; ROCHA, 1986). Para Gottems; Alves; Sena (2007) a divisão da enfermagem merece destaque pela determinação do trabalho diário de cada profissional, cabendo ao enfermeiro atividades de capacitação, supervisão e gerenciamento, e aos técnicos e auxiliares de enfermagem a maioria das atividades assistenciais.

A Lei 7.498/86 do COFEN¹ que regulamenta o exercício da enfermagem considera que a Enfermagem e suas atividades Auxiliares somente podem ser exercidas por pessoas legalmente habilitadas, privativamente pelo Enfermeiro, pelo Técnico de Enfermagem, pelo Auxiliar de Enfermagem e pela Parteira, respeitados os respectivos graus de habilitação. Para o enfermeiro considera-se o curso superior, o técnico de enfermagem, nível médio e o auxiliar de enfermagem com ensino fundamental. Para os trabalhadores sem qualificação profissional adequada, no caso, o atendente de enfermagem e as parteiras, estipulou-se um prazo de dez anos para a qualificação desses profissionais. Porém, a efetivação da Lei não foi acompanhada, imediatamente, de políticas efetivas e universalistas para oportunizar aos trabalhadores o acesso à qualificação profissional. Expirado o prazo legal, iniciou-se um processo de discussão no cenário nacional, de cunho técnico - político, acerca da qualidade,

¹ Lei 7.498/86 de 25 de junho de 1986 do Conselho Federal de Enfermagem

da resolubilidade e da continuidade das funções de enfermagem realizadas nos estabelecimentos de saúde (PEDUZI, 2002).

Ao longo de sua trajetória histórica, o desenvolvimento da enfermagem apresenta aspectos importantes relacionados ao contexto atual referente à profissionalização dos trabalhadores de nível técnico e a regulamentação do exercício profissional. Após a proliferação dos cursos de auxiliar de enfermagem, nos anos 1950, o nível técnico de enfermagem surgiu na década de 1960 como uma proposta governamental. As funções de supervisão de pequenas unidades e de cuidados a doentes graves que não eram atendidas satisfatoriamente nem por auxiliares, por falta de preparo, nem por enfermeiros, devido ao número reduzido destes profissionais, levou a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) a solicitar ao Conselho Federal de Educação (CFE), em 1965, a regulamentação do Curso Técnico de Enfermagem (BASSINELO, 2002). Os primeiros cursos técnicos foram criados em 1966, nas escolas de enfermagem Ana Néri e Luiza de Marillac, no Rio de Janeiro. Somente com a Lei no 5.692, de 1971², que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e a proposta de obrigatoriedade de profissionalização, o Curso Técnico de Enfermagem passou a integrar o sistema educacional brasileiro como nível de 2º grau. Entretanto, esse profissional somente foi reconhecido como tal em 1986, com a Lei nº 7.498, regulamentada pelo Decreto no 94.406, de 1987, que dispõe sobre o exercício profissional da enfermagem (SANTOS, 2005).

Os cuidados de enfermagem prestados à saúde da população, em sua maioria, são desenvolvidos por pessoal de nível médio, desta forma, cabe aos enfermeiros proporcionar um ensino de qualidade, diminuindo os riscos da população atendida e melhorando a qualidade da assistência.

A formação do profissional de enfermagem no nível técnico tem sido bastante discutida para que haja uma formação adequada. Alguns questionamentos como forma de ingresso no curso e escolaridade são os principais pontos em destaque. As escolas de um modo geral não fazem nenhum tipo de seleção para a escolha dos estudantes, apenas é exigida a formação em nível médio ou uma declaração que esteja cursando-o. Porém, para ser emitido o diploma do curso técnico o aluno deve ter concluído o ensino médio (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

A LDB 9394/96³ introduziu mudanças na educação profissional, que passou a ser entendida como articulada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à

² Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 de DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

³ Lei 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996 de Diretrizes e Bases da Educação - LDB

tecnologia e para o ensino médio foi inicialmente regulamentada pelo Decreto-Lei 2.208/97⁴ e atualmente pelo Decreto 5.154/04⁵ (LIMA; APPOLINÁRIO, 2011).

Segundo Lima *et al.*, (2001), a rede de escolas de formação técnica no país caracteriza-se principalmente pela forte concentração no setor privado em todas as regiões, com maior evidência na região Sudeste. Atualmente, muitos profissionais desistem da profissão e por outro lado, os cursos de enfermagem não despertam tanto interesse, em consequência, os serviços de saúde encontram muitas dificuldades na contratação de profissionais de enfermagem no nível técnico. Essa situação se explica devido à desvalorização do profissional, carga horária de trabalho extenuante e baixo salário. Acrescenta-se a esses fatos a migração dos profissionais técnicos para os cursos superiores de enfermagem e para outras áreas, ou seja, da saúde ou não.

A Lei 7.498/86 (COFEN) regula e autoriza o exercício da enfermagem somente por pessoas legalmente habilitadas. No entanto, o pessoal que se encontra executando tarefas de enfermagem, em virtude de carência de recursos humanos de nível médio nesta área, sem possuir formação específica regulada em lei, será autorizado, pelo COFEN, a exercer atividades elementares de enfermagem somente sob a supervisão do enfermeiro. Nesta época o COFEN determina o prazo de 10 anos para regularizar a situação dos profissionais inabilitados e proíbe a contratação de atendentes, estabelecendo o ano de 1996 como prazo final para que todos se tornassem auxiliares de enfermagem. A partir dessa decisão, movimentos da classe passaram a reivindicar propostas para impedir a perda dessa força de trabalho. A participação da ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem) nesta luta foi ímpar ao definir junto com os Centros Formadores, projetos de cursos de qualificação profissional reconhecidos pelos Conselhos Estaduais e no âmbito dos serviços públicos de saúde (LIMA *et al.*, 2001).

Em consequência, os empregadores foram pressionados, pelos órgãos de fiscalização do exercício profissional de enfermagem, a não admitirem os atendentes de enfermagem. Porém, àqueles que se encontravam em situações irregulares no serviço deveriam imediatamente, realizar o curso profissionalizante para auxiliares de enfermagem. No entanto os órgãos sindicais lutavam para a extensão no prazo para aplicação da lei e também por

⁴ Regulamenta o §2º do art. 36 e os artigos 39 a 42 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

⁵ Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

estratégias que facilitassem a transição desses profissionais para auxiliares de enfermagem. Não obstante os empregadores passaram a diminuir a contratação de auxiliares de enfermagem e, em muitos casos, usaram artifícios para disfarçar o emprego dos atendentes, inclusive contratando-os em outras funções (SÓRIO, 1999).

A criação de escolas para a formação dos profissionais de nível técnico segue como preocupação no movimento da educação dos profissionais da enfermagem, porque esbarra na questão da qualidade da infraestrutura educacional das escolas, na distribuição geográfica e na relação entre os setores público e privado. A rede de escolas de formação técnica no País caracteriza-se principalmente pela forte concentração no setor privado em todas as regiões, com maior evidência na região Sudeste.

4.2 Desafios do ensino profissionalizante na enfermagem

A necessidade de qualificar e tornar o ensino profissionalizante de enfermagem mais crítico, criativo, reflexivo e menos tecnicista é discutido tanto no meio acadêmico responsável por essa formação, como pela população que é quem sofre na prática com a falta de qualificação desses profissionais (ANSELMINI *et al.*, 2003).

Os desafios na formação de profissionais no nível médio de enfermagem são inúmeros como: atualização dos professores; desconhecimento dos enfermeiros do processo de ensinar; falta de material didático, audiovisual, biblioteca, laboratório e campo de estágio adequados; falta de tempo do professor para aplicar o conteúdo proposto e para se dedicar mais à docência; acúmulo de atividade profissional (BASSINELO, 2002).

A infraestrutura pedagógica e administrativa deficiente é um dos maiores problemas enfrentados pelo corpo docente no ensino profissionalizante de enfermagem. Nessa realidade o professor é obrigado a utilizar a improvisação como recurso para o ensino e acaba nivelando o aluno por rendimento menor, partindo do princípio que eles não têm nenhum conhecimento anterior (WERNECK, 1992).

A falta de integração entre teoria e prática, é outro fator, pois, o aluno perde a visão do todo e, conseqüentemente, aponta mais essa dificuldade para o seu trabalho. Por outro lado, as dificuldades e expectativas encontradas pelos docentes podem ser assim resumidas: a docência no nível médio da formação profissional técnica de enfermagem é um trabalho importante, exigente, com pouco reconhecimento e *status* profissional, a realidade é traduzida

por baixos salários, pouca perspectiva de progressão na carreira, contrato de trabalho temporário e falta de condições e de infraestrutura para a realização do trabalho (FRIEDLANDER; SECA; MATSUI, 1992).

O período do estágio também se constitui em um momento de muita angústia e ansiedade para os alunos, sobretudo para aqueles que nunca tiveram contato com o hospital. Os alunos relatam medo, ansiedade e insegurança com o início do estágio (APPOLINÁRIO, 2007). A prática de toda a teoria que os alunos aprenderam durante o curso se concretiza no momento do estágio e isso requer um ambiente de aprendizagem tranquilo e acolhedor, capaz de absorver toda a ansiedade que o aluno enfrenta nesse momento. O professor tem um papel fundamental ao ensinar com propriedade, para isto, é necessário que o aluno entenda a importância e a responsabilidade de ser profissional de enfermagem, para minimizar os riscos de erros relacionados com imperícia, imprudência e negligência.

Outro fator que dificulta o aprendizado do aluno é a situação dos estudantes que trabalham e estudam. É uma realidade brasileira, pois é uma população que enfrenta dificuldades relacionadas à sua condição de vida, precisando enfrentar dupla ou tripla jornada de trabalho. Esse fato fica evidente quando se avalia os profissionais que se formam no ensino profissionalizante, o cansaço físico e a falta de recursos financeiros para uma alimentação adequada faz com que esses alunos não prestem a devida atenção nas aulas fazendo com que seu rendimento caia (TORREZ, 1994). Este fato agrava-se ainda mais no caso específico da enfermagem, pelo grande contingente de mulheres inseridas na profissão e pelos afazeres domésticos que ficam sob sua responsabilidade. Acresce a isso a constatação de que muitos alunos estão buscando uma profissão com uma idade mais avançada, o que, sem dúvida, também é uma dificuldade, pois há a necessidade de conciliar família, trabalho e a volta aos estudos. Todo esse quadro é considerado pelo professor, que envolve com toda a problemática enfrentada pelo aluno (FIGUEIREDO; SILVA, 1997).

Torna-se necessário criar condições para que o aluno possa ser ouvido e compreendido ao falar de seus sentimentos em relação a si mesmo e ao cliente, assim como perceber seus erros e acertos, uma vez que estes últimos tornar-se-ão fundamentais na construção de sua identidade profissional (STUTZ; JANSEN, 2006). A avaliação da teoria e prática também é estressante tanto para o professor quanto para o aluno. O professor com a missão de avaliar o aluno em todos os aspectos relacionados com a ética, moral, responsabilidade e, sobretudo com perícia. Afinal o aluno precisa saber sobre aquilo que está se formando e muitas vezes por se tratar de um processo avaliativo o aluno não consegue atingir os requisitos mínimos necessários para a aprovação, não pelos aspectos citados, mas por sofrer de estresse e medo da

reprovação, uma vez que sua vida profissional está em risco naquele momento. No entanto, existem aqueles que não têm os requisitos mínimos necessários para atingir essa aprovação e então fica sob a responsabilidade do supervisor a sua reprovação, fato esse que acarreta sentimentos um tanto quanto negativos por parte do aluno para com o supervisor.

A avaliação é um instrumento necessário à qualificação do ensino, fator decisivo na organização do trabalho docente. Entretanto, constitui-se em um dos fenômenos mais polêmicos da vida escolar. Para que se construa uma avaliação cidadã, entre outros aspectos, o processo avaliativo deve ser dialógico, mediado pelo professor, que deve cuidar para que essa relação seja acolhedora, honesta e permeada pela esperança, favorecendo, portanto, o crescimento (SORDI, 1995).

O cansaço ocasionado pela carga horária destinada ao estágio e aos estudos em sala de aula, assim como a desarmonia no ambiente de aprendizagem e inseguranças, são fatores desestimulantes para o aluno. O saber fazer no aprendizado prático da profissão, além de ser um desafio, é apresentado pelos alunos do curso técnico em enfermagem como gerador de insegurança. Há poucas oportunidades para a realização de procedimentos mais complexos e a dificuldade em lidar com as diferenças entre a técnica aprendida na escola e a técnica utilizada por alguns funcionários ocasiona conflitos nas decisões referentes à atuação profissional (STUTZ; JANSEN, 2006).

No entanto ser estudante de enfermagem é ter em mente uma profissão permeada por uma capacidade de intervir na saúde e doença da população, é ter propriedade em modificar o perfil epidemiológico de uma região, é impedir que vidas sejam perdidas por falta de cuidado, é consolar a tristeza do semelhante que sofre e se alegrar com a vida que nasce, a enfermagem é uma profissão que visa o cuidado do ser humano de forma holística e humanizada. O aluno que estuda com determinação consegue alcançar a sua formação e ser reconhecido no mercado de trabalho tanto pelos diretores de serviços de saúde quanto pela população.

Nessa perspectiva, os estudantes de nível técnico devem aprender a valorizar o desafio da educação continuada do futuro exercício profissional para acompanhar a evolução científica e tecnológica, visando à melhoria das condições de trabalho e da qualidade da assistência. É possível perceber que a educação profissional enfrenta em sua contemporaneidade grandes desafios, com implicações diretas na prática docente e no trabalho educativo em geral.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Para se obter certo conhecimento científico, é necessário conhecer as construções mentais que possibilitem alcançar os objetivos almejados. Para Gil (2002, p.27), isso significa a determinação do método que, "é o caminho para se chegar a determinado fim. É o método científico como o conjunto, de procedimentos intelectuais e técnicas, adotado para se atingir o conhecimento".

De acordo com Dias (2010), em relação a forma de abordagem do problema, a pesquisa pode ser considerada como sendo, quantitativa ou qualitativa, neste estudo foi utilizado as duas formas.

Em se tratando de pesquisas qualitativas Silva (2001), cita que esta forma de abordagem considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave.

A pesquisa quantitativa aplica-se à dimensão mensurável da realidade, origina-se na visão newtoniana dos fenômenos e transita com eficácia na horizontalidade dos extratos mais densos e materiais da realidade. Seus resultados auxiliam o planejamento de ações coletivas e são passíveis de generalização, principalmente quando as populações pesquisadas representam com fidelidade o coletivo (CARTONI, 2010).

Ainda em relação à pesquisa Gil (2002) afirma que é indispensável classificá-la a partir de seus objetivos. Sendo assim, é possível definir as pesquisas em três grandes grupos: explicativa, exploratória e descritiva.

A pesquisa descritiva segundo Cartoni (2010) observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos. Pesquisa a frequência com que um fenômeno ocorre, as suas dependências e características no mundo físico ou humano, sem a interferência do pesquisador. Tem por objetivo definir melhor o problema, descrever o comportamento dos fenômenos e classificar fatos e variáveis, sem a pretensão de explicá-los.

A partir deste referencial optou-se pelo estudo do tipo descritivo, exploratório. A pesquisa constou de uma etapa com a aplicação de um questionário semiestruturado. A população constituiu-se de todos os 26 alunos do curso técnico em enfermagem do Centro de

Estudos III Millenium em Sete Lagoas. A escolha do local se justifica pela presença da pesquisadora, docente da escola e aluna do CEFPEPE, que desenvolve suas atividades profissionais. O período de aplicação do questionário foi entre 05 a 10 de novembro de 2011.

Para a coleta dos dados foram aplicados 26 questionários semiestruturados, sendo que um foi excluído por não ter sido devolvido pelo aluno. Os questionários foram respondidos por 11 (onze) alunos do 3º período, 9 (nove) alunos do 2º período e 5 (cinco) alunos do 1º período. Todos foram convidados a participar da pesquisa, sendo esclarecidos quanto ao objetivo do estudo e garantia do anonimato. O critério para participação envolveu a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO A).

Para a análise dos dados utilizou-se as variáveis quantitativas que incluíram: idade, sexo, estado civil, nível socioeconômico, grau de escolaridade, renda, trabalho e ocupação, religião, número de filhos. Para as variáveis qualitativas foi apresentada no estudo uma questão sobre a percepção dos alunos em relação ao seu curso e em seu processo de ensino aprendizagem.

Para a análise dos dados quantitativos foram utilizadas as variações percentuais e de razões de coeficientes segundo sexo, idade, estado civil, grau de escolaridade, renda, trabalho e ocupação, religião, número de filhos. Para as variáveis qualitativas os dados foram agrupados para identificar a percepção dos alunos em relação ao curso, posteriormente, foram definidos nas seguintes categorias: dados sociodemográficos, recursos presentes na residência, formação escolar, formação profissional, perfil familiar, conhecimento adquirido no curso e aproveitamento quanto aos estágios, dificuldades para concluir o curso, afinidade por uma área específica técnico em enfermagem, atuação profissional e expectativas sobre o curso.

O processamento e cálculo dos dados foram efetuados a partir da construção de planilhas e gráficos eletrônicos no software Excell. Os dados foram tratados sob a forma de frequência simples e percentual.

Cabe ressaltar que esta pesquisa seguiu os trâmites recomendados pela Resolução nº 196/86 do Conselho Nacional de Saúde / MS , tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, pelo parecer nº etic 161/09, aprovada, no dia 03 de agosto de 2011.

6. RESULTADOS

O perfil sócio demográfico apresentado, a seguir na Tabela 1, demonstra que os alunos são predominantemente do sexo feminino sendo que a maioria concentra-se na faixa etária abaixo dos 20 anos de idade e no grupo dos solteiros. Quanto ao número de filhos (64%) dos entrevistados não têm filhos e a maioria (80%), são católicos. No que diz respeito ao universo familiar, (88%) dos discentes moram em casa própria e (68%) tem uma renda familiar entre 2 a 3 salários mínimos.

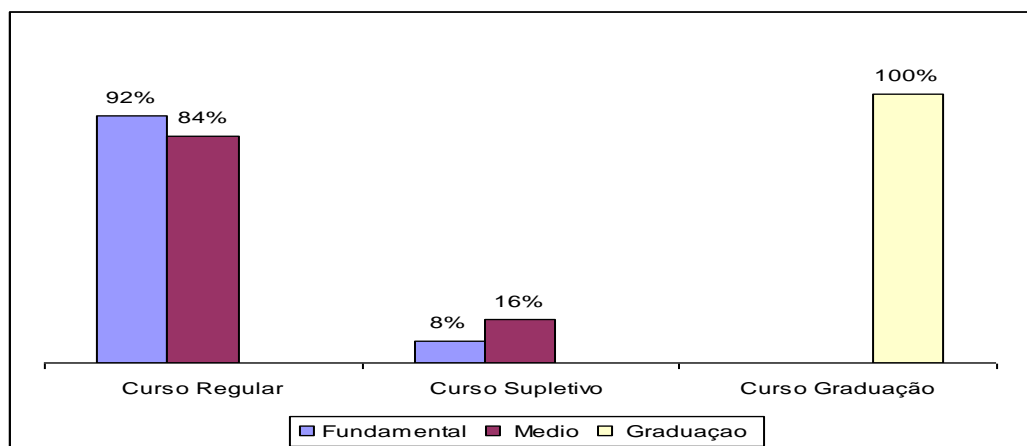
Dos recursos presentes na residência (56%) dos respondentes têm telefone fixo, (84%) telefone celular, (76%) computador, (72%) com acesso à internet e (96%) possuem televisão em casa.

Tabela 1. Distribuição dos alunos segundo variáveis sociodemográficas e econômicas, Curso Técnico em Enfermagem de uma escola de formação profissional de nível médio, Sete Lagoas, 2011.

| VARIÁVEL | Nº | % |
|--|-----------|----------|
| Sexo | | |
| Masculino | 2 | 8 |
| Feminino | 23 | 92 |
| Faixa Etária | | |
| < 20 | 8 | 32 |
| 20 – 25 | 6 | 24 |
| 26 – 30 | 3 | 12 |
| 31 – 35 | 2 | 8 |
| 35 – 40 | 4 | 16 |
| 41 – 45 | 1 | 4 |
| 46 – 50 | 1 | 4 |
| Estado Civil | | |
| Solteiro | 19 | 76 |
| Casado | 3 | 12 |
| Viúvo | 1 | 4 |
| Consensual | 2 | 8 |
| Número Filhos | | |
| Nenhum | 16 | 64 |
| 1 a 3 | 8 | 32 |
| > 3 | 1 | 4 |
| Religião | | |
| Católica | 20 | 80 |
| Espírita | 2 | 8 |
| Evangélica | 3 | 12 |
| Residência | | |
| Própria | 22 | 88 |
| Alugada | 2 | 8 |
| Cedida | 1 | 4 |
| Renda Familiar (salário mínimo) | | |
| 1 | 4 | 16 |
| 2 a 3 | 17 | 68 |
| 4 a 5 | 4 | 16 |

Fonte: Centro de Estudos III Millenium, Sete Lagoas – MG, 2011.

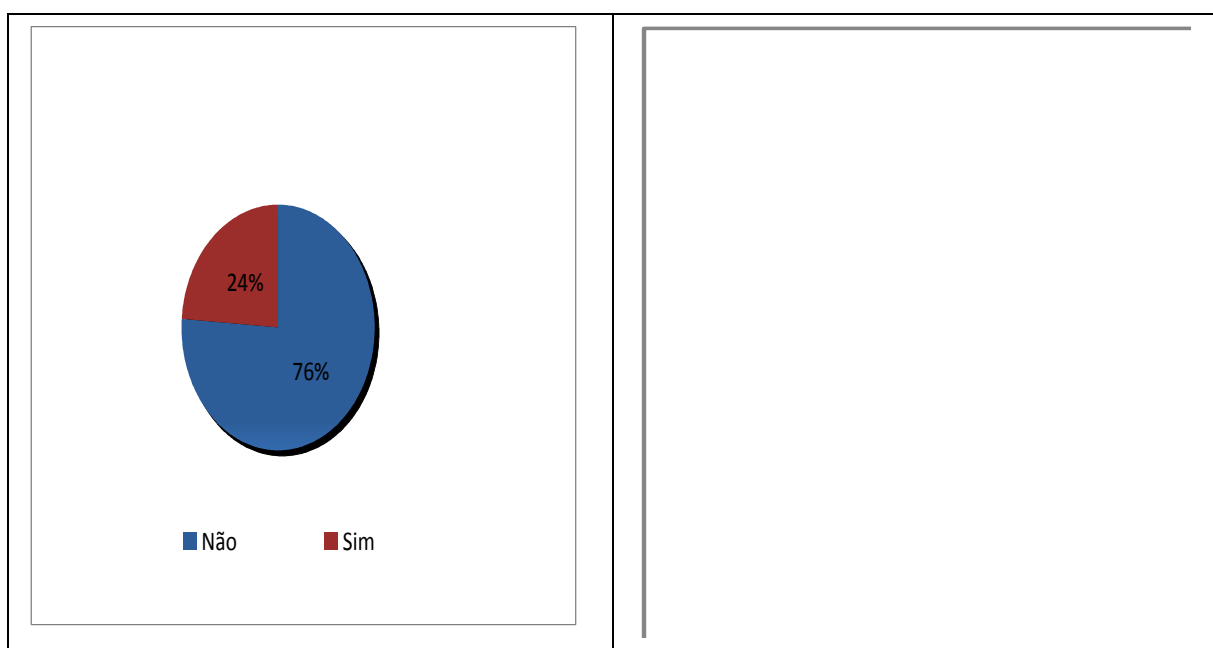
Em relação à escolaridade, a maioria dos alunos (92%) concluiu o ensino fundamental em curso regular, embora (8%) deles o tenham concluído em curso supletivo. Quanto ao ensino médio, (84%) dos alunos do curso de técnico concluíram o ensino médio em curso regular, enquanto (16%) fizeram o supletivo. Destaca-se que (100%) dos alunos relataram que não possuíam curso de graduação. (Fig. 1).



Fonte: Centro de Estudos III Millenium, Sete Lagoas – MG, 2011.

Figura 1. Distribuição dos alunos segundo a formação escolar, Curso Técnico em Enfermagem de uma escola de formação profissional de nível médio, Sete Lagoas, 2011.

Na figura 2 observa-se que (76%) dos alunos não têm nenhuma formação escolar anterior. No entanto dos restantes (24%) que possuem alguma formação técnica, verifica-se que (12%) tem formação técnica em administração, seguido pelas formações técnicas em contabilidade e cabelereiro.



Fonte: Centro de Estudos III Millenium, Sete Lagoas – MG, 2011.

Figura 2. Distribuição dos alunos segundo a formação escolar, Curso Técnico em Enfermagem de uma escola de formação profissional de nível médio, Sete Lagoas, 2011.

Na avaliação feita pelos discentes quanto ao conhecimento adquirido para sua atuação como profissional, os dados mostraram que (60%) dos entrevistados classificam o conhecimento adquirido no curso como ótimo, (28%) classificam como bom e (4%) como excelente e 8% não opinaram.

As maiores dificuldades encontradas pelos alunos para concluir o curso destacam-se a não liberação pelo empregador, o custo do deslocamento e cansaço físico para frequentarem os cursos. Dos entrevistados 32% optaram por outros, onde descreveram outras causas como preço da mensalidade (4%), distância (4%), custo do curso (8%), não ter com quem deixar os filhos (4%). Ressalta-se que apenas (12%) dos entrevistados relataram não ter nenhuma dificuldade para concluir o curso.

A Tabela 2 mostra que em se tratando de aproveitamento durante o estágio, 84% dos alunos informaram que o estágio foi muito aproveitável. Os restantes categorizaram como pouco aproveitável (16%).

Tabela 2: Distribuição dos alunos segundo aproveitamento do estágio, Curso Técnico em Enfermagem de uma escola de formação profissional de nível médio, Sete Lagoas, 2011.

| Aproveitamento durante o estágio | Nº | % |
|---|-----------|------------|
| Muito aproveitável | 21 | 84 |
| Pouco aproveitável | 4 | 16 |
| Total | 25 | 100 |

Fonte: Centro de Estudos III Millenium, Sete Lagoas – MG, 2011.

A tabela a seguir apresenta as áreas de atuação que alunos têm mais afinidade. A maior parte dos entrevistados (25%) relatou ter mais afinidade pela clínica médica, seguida da pediatria.

Tabela 3: Distribuição dos alunos segundo área de atuação, Curso Técnico em Enfermagem de uma escola de formação profissional de nível médio, Sete Lagoas, 2011.

| Variável | Nº | % |
|------------------|----|-------|
| Clínica Médica | 9 | 25,0 |
| Pediatria | 7 | 19,4 |
| Ambulatório | 4 | 11,1 |
| Maternidade | 4 | 11,1 |
| Bloco Cirúrgico | 2 | 5,6 |
| Unidade de Saúde | 4 | 11,1 |
| Outros | 6 | 16,7 |
| Total | 36 | 100,0 |

Fonte: Centro de Estudos III Millenium, Sete Lagoas – MG, 2011.

Os itens referentes à situação empregatícia mostraram que a maioria estava trabalhando (60%), embora (40%) dos alunos do curso técnico em enfermagem estivessem desempregados. Dos entrevistados que estão empregados, (28%) trabalham na área da saúde. Destes (42%) são agentes comunitários, (35%) auxiliares de enfermagem e (23%) auxiliar de serviços gerais.

Ao serem interrogados sobre a expectativa ao final curso, (36%) dos alunos esperam ingressar imediatamente no mercado de trabalho, (32%) almejam ser um bom profissional, (12%) pretendem se especializar na área, (12%) anseiam ser um profissional diferenciado, (4%) cobiçam ter reconhecimento profissional e (4%) mostraram dúvidas em relação à profissão.

Pelas falas dos alunos relacionadas abaixo, foi possível perceber que a avaliação geral quanto à qualidade do curso foi bastante positiva, um aspecto destacado foi a boa qualificação dos professores e a preocupação da coordenação dos cursos em selecionar docentes adequados para cada conteúdo abordado.

“Os professores ensinam bem se o aluno fizer sua parte sairá da escola um bom profissional”.

“Os conhecimentos que estou adquirindo está sendo ótimo para exercer minha profissão”.

“Os professores são excelentes, isso conta muito para nossa atuação como profissionais”.

“Os professores são ótimos e capacitados, passam um aprendizado de uma forma que todos entendem”.

A presença marcante de alunos que trabalham durante o curso deve ser explorada na positividade e pode enriquecer as reflexões, trazendo um olhar peculiar do processo de trabalho onde inserido.

“Porque já trabalho em ESF há muitos anos e tenho um pouco de conhecimento”.

“Os conhecimentos que estou adquirindo estão sendo ótimos para exercer minha profissão”.

“Até então tenho alcançado minhas expectativas como um profissional”.

As expectativas dos alunos em relação ao final do curso foram várias, destacando-se as mais incidentes: ingressar imediatamente no mercado de trabalho, ser um profissional diferenciado, ser um bom profissional, se especializar e obter reconhecimento profissional, sendo que alguns alunos relataram dúvida com relação à profissão.

“Eu posso aprender o máximo para poder fazer um bom estágio no ano de 2012”.

“Espero ser uma profissional diferente e não mais uma no mercado de trabalho”.

“Conseguir concluir o curso, e adquirir o máximo de aprendizado possível.”

“Ser respeitada como profissional na área e não ser somente mais uma enfermeira e sim, a enfermeira”

Embora esse aluno, goste do que faz, identificando-se com a profissão escolhida, as adversidades do meio em que atua quanto aos salários, e valorização profissional, fazem com que veja o curso como maneira de adquirir reconhecimento e ascensão social.

“Alcançar plenamente meus objetivos e ser uma boa profissional.”

“Concluir com êxito o curso, me capacitar para ser uma profissional capaz”.

“De ser uma boa profissional para poder ajudar aqueles que estão precisando na área da saúde”.

Verifica se que os alunos têm muita expectativa com relação à mudança na qualidade de assistência que prestará depois de formado. Acredita se que essa expectativa é bem vinda a esses alunos, o que pode ser um estímulo para cursarem mais essa etapa na carreira profissional.

“Pretendo que no final do curso já tenha um emprego e saiba como atender bem um paciente e continuar estudando.”

“Espero ter aprendido o bastante e podendo mostrar o que sei de melhor e não sendo mais uma no mercado e sim para fazer a diferença.”

“É formar e conseguir um trabalho na área da saúde e passar no concurso que vou prestar.”

“Conseguir um bom emprego logo que formar.”

“Arrumar um emprego e dedicar a profissão”

O conhecimento para estes alunos indica muitas vezes o seu próprio sustento, pois sabem que conseguirão galgar um emprego mais seguro para sustentabilidade pessoal e ou da família.

“Reconhecimento do técnico em enfermagem, melhoria salarial, carga horária justa.”

“Arrumar um bom emprego e obter um bom salário.”

Quanto ao salário verifica se que grande parte dos alunos tem uma expectativa de mudanças, porém, outros parecem muito mais cautelosos, pois mensuram pouca expectativa de melhora. Esse parece um indicador positivo, pois a esperança de melhorar o seu salário acaba por estimular a sua formação profissional, bem como sua inserção no mercado de trabalho.

“Minha expectativa no final do curso é que eu arrume um bom emprego em um hospital ou cuidando de um idoso e que Deus abençoe que eu siga essa profissão que por mim é tão desejada.”

Dos resultados da pesquisa é importantes citar que a participação nesse processo não foi obrigatória, mas houve um interesse coletivo de todos os alunos estarem participando, elegendo este momento, a grande contribuição no processo para sua própria formação.

7. DISCUSSÃO

Conhecer o perfil do aluno do curso técnico em enfermagem é fundamental para que os docentes, coordenadores de curso e diretores das instituições de ensino de enfermagem possam propor metodologias de ensino para uma qualificação de qualidade e uma transformação da realidade do sujeito.

Em relação à questão salarial também pode ter sido um dos aspectos motivadores para o investimento nos cursos, pois a qualificação, para a maioria deles, representa a oportunidade de aumentar seus ganhos financeiros e de melhorar sua empregabilidade (LIMA, 2005).

No que se refere à questão do gênero, o perfil dos estudantes reforça duas tendências constatadas na literatura. A primeira diz respeito à relação historicamente construída entre a mulher e o cuidar. A segunda refere-se à relação socialmente construída entre a mulher e a opção pelos cursos de enfermagem. A permanente predominância do sexo feminino na profissão, além de indicar a presença da mulher no mercado de trabalho, sinaliza a possibilidade de acesso ao ensino em profissões consideradas como de menor status social. Cabe ressaltar que essa crescente inserção no mercado de trabalho não tem superado as consequências da divisão sexual do trabalho, que ainda trata as mulheres de forma discriminada seja no âmbito dos salários, das tarefas e até mesmo das possibilidades de ascensão social (PAIVA, 1999). Nas universidades, o ingresso dos alunos do sexo masculino deu-se a partir da década de 70, com o advento do vestibular. Até então, as próprias escolas selecionavam seus candidatos, geralmente selecionando apenas mulheres (GUITTON; FIGUEIREDO; PORTO, 2002). Apesar de há alguns anos, a enfermagem ser exercida por ambos os sexos, observa-se que as profissões de auxiliar e de técnico continuam substancialmente femininas.

O estudo demonstrou que a faixa etária dos alunos concentrou em menores de 20 anos. E que apenas (28%) estão inseridos na área da saúde. Isto pode demonstrar uma transição no perfil dos alunos, pois na literatura encontram-se estudos, que relatam a oferta de um curso de profissionalização, com a maioria dos alunos trabalhadores na área da saúde, formalmente inserida no mercado de trabalho e com uma idade superior a apresentada nesse estudo (OLIVEIRA, *et al.*, 2007).

Os dados do perfil sociodemográfico apontaram indicadores importantes que podem apoiar os professores no planejamento e condução do processo ensino-aprendizagem, para a superação das dificuldades, os desafios e a vitória da conclusão de um curso de nível técnico

(OLIVEIRA, *et al.*, 2007). Quando se fala do aumento do nível de escolaridade precisamos estar atentos à qualidade desse processo, ou seja, à garantia dos saberes indispensáveis para, pelo menos, assegurar a sobrevivência do profissional em um mundo de crescente saber (PIRES, 1996).

No Brasil, as escolas profissionalizantes não conseguem formar trabalhadores que atendam às necessidades dos inúmeros segmentos do mercado de trabalho, na mesma velocidade com que a tecnologia avança particularmente a da informação. Além do mais, as instituições não devem se restringir ao simples ato de treinar, uma vez que essa atitude cerceia a criatividade, reduz as possibilidades de autonomia e enseja a falta de flexibilidade do trabalhador (OLIVEIRA, *et al.*, 2007).

Quanto à situação empregatícia dos alunos, a disponibilidade dos cursos para suas vidas profissionais é relevante, pois representam oportunidades para a inserção do estudante no mercado de trabalho. Mas, se por um lado, o desemprego pode ser considerado como um estímulo para sua profissionalização, por outro se torna uma barreira, na medida em que a falta de recursos para custear as despesas de transporte, alimentação, entre outras é um empecilho (OLIVEIRA, *et al.*, 2007).

Constata-se que neste estudo a maioria dos estudantes, está inserida no mundo do trabalho desde o início do curso de técnico em enfermagem. Assim, esses estudantes passam a conviver ao longo do curso com uma dupla jornada: trabalhar e estudar, pois ser estudante é ter uma ocupação. Ser aluno é ter tarefas e horários a cumprir, é ser supervisionado, orientado e avaliado, é prestar contas dos deveres e direitos. Necessário se faz ressaltar que a democratização do acesso ao ensino se deu à custa do sistema privado de ensino, e os alunos para se manter nos cursos, necessitam, de forma cada vez mais crescente, trabalhar para sustentar sua formação profissional. E esta parece ser uma tendência na profissão, qual seja a de ter como sua clientela preferencial, estudantes que possivelmente trabalham (TEIXEIRA *et al.* 2006).

Os resultados do estudo apontam que alguns alunos do curso técnico eram profissionais de saúde atuando na rede básica, em busca de conhecimentos para melhorar a sua atuação e posição, além de passarem a ter maiores possibilidades no mercado de trabalho. Confirmando esses dados, uma pesquisa realizada no Estado de São Paulo destacou que existe um aumento no curso técnico, de alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho e que buscam mais qualificação para melhorar sua posição dentro da empresa (OLIVEIRA, *et al.*, 2002).

Uma boa formação em enfermagem não se reduz à competência técnica, meramente instrumental, mas deve ocupar-se em desenvolver e problematizar questões de amplo significado social. Isso é tarefa que deve nortear os PPP (Projeto Político Pedagógico) dos cursos (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Guillon; Figueiredo; Porto (2002) relatam que a enfermagem é subdividida em três categorias, sendo elas – enfermeiro, técnico de enfermagem e auxiliar de enfermagem, sendo que para esta última categoria não se formam mais profissionais. As funções do enfermeiro e técnico de enfermagem, embora sejam parecidas, apresentam aspectos fundamentais que as diferenciam, o enfermeiro é o responsável técnico e o supervisor dos profissionais de enfermagem, e o técnico de enfermagem deve-se submeter às orientações do enfermeiro. No entanto essa divisão não é muito clara para a maioria das pessoas que facilmente denominam todos os profissionais de enfermagem por enfermeiro. Essa falta de conhecimento quanto à divisão das categorias ficou explícita na fala de um dos entrevistados, apresentada nos resultados.

Paradoxalmente, estes estudantes podem apresentar dificuldades concretas de acompanhamento do trabalho pedagógico, sobretudo se o curso propõe uma metodologia exclusivamente expositiva e enciclopédica. A incorporação de metodologias ativas favorece o diálogo entre as diferentes culturas e visões dos estudantes. Igualmente práticas de avaliação colaborativas devem ser acionadas para firmamento do exercício profissional e trabalho coletivo. A ética da solidariedade deve alicerçar as relações entre os estudantes, antecipando as possibilidades de uma inserção no mundo de trabalho igualmente comprometida com a produção do bem comum. A avaliação da aprendizagem articulada ao processo de ensino-aprendizagem seria o suficiente para impedir a banalização da certificação e ética, e para evitar a exclusão sumária dos estudantes com diferenças culturais (BOGUS *et al.*, 2011).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o cenário, é possível apontar que a formação do profissional de nível médio em enfermagem sempre foi debatida pela categoria de enfermagem no âmbito dos seus órgãos de classe, embora não tenha tido consenso favorável sobre sua valorização, o que muitas vezes contrapõem ao crescimento quantitativo e qualitativo dos enfermeiros. No entanto, o profissional técnico de enfermagem depara com a crescente necessidade do setor de saúde que, demonstrados pela demanda do mercado de trabalho, indica a incorporação progressiva desses profissionais. A profissionalização e qualificação dos trabalhadores de nível médio representa o melhor caminho para fazer frente à crescente incorporação de novas tecnologias e mudanças na divisão técnica do trabalho, uma vez que a força de trabalho passa por sucessivas e constantes alterações em termos de composição ocupacional, qualificação, escolaridade e do perfil epidemiológico da população.

A insuficiência quantitativa de trabalhadores formados - pelo menos na enfermagem - não parece ser o problema, indicando que é a qualidade e a continuidade da formação que deve ocupar o cenário dos debates. As escolas de formação técnica em saúde, devem se ocupar com a melhoria dos processos formativos, incluindo a capacitação constante do corpo docente, a construção e ou reformulação dos seus projetos pedagógicos, a incorporação de novos conhecimentos sobre o trabalho em saúde em suas diferentes dimensões e na construção de materiais didáticos entre outras estratégias.

Sugere - se a incorporação de metodologias ativas que favoreçam o diálogo entre as diferentes culturas e visões que os estudantes trazem. Igualmente práticas de avaliação colaborativas devem ser acionadas para firmamento dos conceitos - chave da profissão e exercício do trabalho coletivo. A ética da solidariedade deve alicerçar as relações entre os estudantes, antecipando as possibilidades de uma inserção no mundo do trabalho, igualmente comprometida com a produção do bem comum.

Considerando se a formação dos profissionais para a área de saúde, faz-se necessário pensar em uma formação capaz de instrumentalizar os profissionais para cuidar do ser humano com competência e sensibilidade, capaz de lidar com a vida e com tudo ao que a ela se relaciona de forma ética e compromissada. Dentre os aspectos considerados importantes neste processo, acredita-se que durante a formação, esforços deverão ser empreendidos no sentido de que o profissional a ser formado tenha ciência de suas funções e responsabilidades, bem como esteja preparado para trabalhar com a diversidade, a complexidade e a

subjetividade dos aspectos que envolvem o mundo, a sociedade, o homem, a vida, a saúde, a doença e o cuidado.

Ainda há a necessidade de uma reanálise de todas as questões que devem ser discutidas por meio do envolvimento das instituições educacionais ligadas ao ensino técnico, instituições públicas e privadas ligadas à área de saúde, assim como do órgão que regulamenta o exercício da enfermagem no Estado e no País. A proposta de intersetorialidade e interdisciplinaridade pode estabelecer estratégias de valorização e profissionalização desses trabalhadores, além de promover sua motivação, resgatar sua identidade, evitando com isso o esfacelamento dessa profissão, que possui trabalhadores apaixonados pela escolha que fizeram, mas impossibilitados de crescerem diante das adversidades encontradas em seu exercício profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1986.

ANSEMI, M. L. *et al.* Erros na administração de medicamentos nos serviços de saúde. **Rev Formação**, [S.l.], v. 3, n. 7, p. 41-56, jan./abr. 2003. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/profae/Revista2007.pdf>. Acessado em 20 de nov. 2011.

APPOLINÁRIO, R. S. **Educação profissional: vivências do educando de enfermagem no cuidado ao doente crítico**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

BAGNATO, M. H. S. *et al.* Ensino médio e educação profissionalizante em enfermagem: algumas reflexões. **Rev. esc. enferm. USP.**, São Paulo, v. 41, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.br/scielo>>. Acesso em: 29 nov. 2011.

BASSINELO, G. A. H. **Perfil dos professores de ensino médio profissionalizante de enfermagem na região de Piracicaba**. 2002. 130f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Trabalho). Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acessado em: 21 nov. 2011.

BÓGUS, C. M. *et al.* Conhecendo egressos do curso técnico em Enfermagem Profae. **Rev Esc Enferm. USP.**, [S.l.], v. 45, n. 4, p. 945-952, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.br/scielo>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

CARTONI, D. M. Ciência e conhecimento científico. **Rev. Einstein.**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>>. Acesso em: 12 Nov. 2011.

DANTAS, R. A. S.; AGUILLAR, O. M. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. **Rev Latino-am Enfermagem**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 25-32, abr. 1999.

DIAS, S. Método científico e modalidades de pesquisa: a leitura como requisito básico. **Rev. Einstein**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

FIGUEIREDO, R. M. D. E.; SILVA, M. A. Perfil dos futuros auxiliares de enfermagem da cidade de Campinas, SP, em 1995: motivos, expectativas e dificuldades relacionadas ao curso. **Rev Latino-Am Enfermagem**, [S.l.], v. 5, p. 89-96, 1997.

FRIEDLANDER, M. R.; SECA, F. V.; MATSUI, T. O ensino de enfermagem em nível médio. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 11., 1992, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Médica Brasileira, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTTEMS, L. B. D.; ALVES, E. D.; SENA, R. R. de. A enfermagem brasileira e a profissionalização de nível técnico: análise em retrospectiva. **Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]**, v. 15, n.5, p. 1033-1040, 2007. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2011.

GUITTON, B.; FIGUEIREDO, N.; PORTO, I. **A passagem pelos espelhos**: a construção da identidade profissional da enfermeira. Niterói: Intertexto, 2002.

LIMA, E. C.; APPOLINÁRIO, R.S. A Educação profissionalizante em Enfermagem no Brasil: Desafios e Perspectivas. **Rev. Enferm. UFRJ**, v. 19, n. 2, p. 311-316, abr/jun. 2011. Disponível em: www.facenf.uerj.br. Acessado em: 25 nov. 2011

LIMA, J. C. F. *et al.* Educação profissional em Enfermagem: uma releitura a partir do censo escolar 2001. Brasília: Ministério da Saúde, v. 2, n. 6, set./dez. 2001.

LIMA, L. O. O brasileiro em números. **Época**, [S.l.], v. 367, n. 1, p. 82-88, maio 2005.

OLIVEIRA, L. S. S. *et al.* Profissionalização de atendentes de enfermagem no Estado de São Paulo: um estudo sobre a oferta e demanda de formação. **Rev. Latino-am Enfermagem**, [S.l.], V. 10, n. 5, p. 637-643, set./out. 2002.

OLIVEIRA, B. *et al.* . Perfil dos alunos ingressos nos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem do projeto de profissionalização dos trabalhadores da área de Enfermagem (PROFAE) no Rio de Janeiro - Brasil. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 127-133, 2007. Disponível em: www.scielo.br. Acessado em: 5 out. 2011.

PAIVA, M. S. **Enfermagem brasileira**: contribuição da ABEn. Brasília: ABEn Nacional, 1999.

PEDUZZI, M. *et al.* Qualidade no desempenho de técnicas dos trabalhadores de enfermagem de nível médio. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 5, out. 2006. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 3 out. 2011.

PEDUZZI, M. Mudanças tecnológicas e seu impacto no processo de trabalho em saúde. **Rev Trabalho, Educação e Saúde**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 75-90, mar. 2002.

PIRES, E. L. A **arquitetura do sistema escolar Português**: coerências e incoerências de ontem e de hoje; evolução dos modos de escolarização. Porto, 1996. Disponível em: <http://www.cursoverao.pt./index.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2011

SANTOS, L.H.P. Estratégias e avaliação no processo ensino aprendizagem e a postura do professor na educação profissional em enfermagem 148f Tese de doutorado (Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 2005.

SANTOS, C. E.; LEITE, M. M. J. Perfil do aluno ingressante em uma universidade particular da cidade de São Paulo. **Rev. Bras. Enferm.**, [S.l.], v. 59, n. 2, p. 154-156, mar./abr. 2006.

SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-n/wxislind.exe/iah/online/>. Acesso em: 11 nov. 2011.

STUTZ, B. L.; JANSEN, A. C. Ensino técnico na área da saúde: os desafios do processo de aprendizagem. **Psicol Esc Educ.**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 211-222, 2006.

SORDI, M. R. L. **A prática de avaliação do ensino superior**: uma experiência na enfermagem. São Paulo: Cortez, 1995.

SÓRIO, R. E. R. Educação e trabalho em saúde: perspectivas de debate sobre os marcos legais da educação profissional. In: SANTANA, J. P.; CASTRO, J. L. (org.). **Capacitação e desenvolvimento de recursos humanos em saúde - CADHRU**. Brasília: Ministério da Saúde; Natal: UFRN/NESC, 1999.

WERNECK, H. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

WETTERICH, N. C.; MELO, M. R. A. C. Perfil sociodemográfico do aluno do curso de graduação em Enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, [S.l.], v. 15, n. 3, maio/ jun. 2007.

TEIXEIRA, E. *et al.* Trajetória e tendências dos cursos de Enfermagem no Brasil. **Rev Bras Enferm**, [S.l.], v. 59, n. 4, p. 479-487, jul./ago. 2006.

TORREZ, M. N. F. B. **Qualificação e trabalho em saúde**: desafio de “ir além” na formação dos trabalhadores de nível médio1994. 323f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

ANEXO A - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

Nós, coordenadores, professores e alunos do Curso de Especialização de Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (CEFPEPE) estamos desenvolvendo a pesquisa “Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2008, nos oito Pólos que compõem o sistema UAB/MEC/UFMG”.

O objetivo central deste estudo é avaliar a implantação e implementação da formação pedagógica dos enfermeiros, desenvolvida na modalidade de educação à distância (EAD) e realizada nos Pólos de atuação da UAB/MEC/UFMG. Compõem esta pesquisa, entre outros temas os seguintes:

- 1 - Perfil do aluno do CEFPEPE;
- 2 - Percepção do aluno do CEFPEPE sobre o curso à distancia;
- 3 - Perfil do tutor do CEFPEPE;
- 4 - Perfil do aluno do curso técnico em enfermagem;
- 5 - Perfil do professor de cursos técnico de enfermagem.
- 6 - Perfil do candidato ao CEFPEPE, turma 2010.

Estes temas constituíram também Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de alunos do CEFPEPE.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG – Parecer nº. ETIC 161/2009. Embora não haja benefícios diretos para a sua participação nesta pesquisa, ela oferecerá a você a oportunidade contribuir com a produção do conhecimento científico em enfermagem.

Sua participação nesta pesquisa implicará em responder os questionários que lhe serão apresentados por membros da pesquisa. Todas as informações obtidas de você permanecerão confidenciais. Sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária e sua decisão de não participar não terá qualquer implicação para você.

Todos os procedimentos da pesquisa não trarão qualquer risco a sua vida ou a sua saúde.

Caso você tenha, ainda, alguma outra dúvida em relação à pesquisa, ou quiser desistir em qualquer momento, poderá comunicar-se pelo telefone abaixo. Coordenadora do Projeto: Zídia Rocha Magalhães Fone (31)2555-3429 / (31) 3409-9170 E-mail: zidia@ufmg.br. Escola de Enfermagem da UFMG - Av. Alfredo Balena, 190 – Sala 100B – Santa Efigênia. COEP-UFMG: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala

2005 – CEP: 31.270-901 – BH-MG – Telefax (31) 3409-4592 e-mail:coep@prpq.ufmg.br .

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa:
“Análise da implementação do CEFPEPE, ofertado em 2010, nos oito Pólos que compõem o sistema UAB-MEC/UFMG” e concordo em participar da mesma respondendo o questionário a mim enviado.

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura: _____

RG: _____

ANEXO B - Instrumento Para Coleta De Dados

Perfil do Aluno do Curso Técnico QUESTIONÁRIO N° _____

- 1 – **Sexo:** Masculino Feminino
- 2 – **Religião:** Católico Espírita Evangélico Outros
- 3 – **Estado Civil:** Solteiro Divorciado Casado Viúvo (a)
- 4 – **Idade:** < 20 20 – 25 26 – 30 31 – 35 35 – 40
 41 – 45 46 – 50 > 50
- 5 – **Número de Filhos:** 0 1 a 3 Mais de 3
- 6 – **Residência:** Própria Alugada Cedida
- 7 – **Recursos na residência:** Telefone Fixo Telefone Celular Computador
 Acesso à Internet Fax Televisão Assinatura de Jornais/Revistas
- 8- Escolaridade:**
- 8.1 Nível fundamental- regular supletivo
- 8.2 Nível médio - regular supletivo
- 8.2 Nível de graduação Sim Não Especifique: _____
- 9- Formação profissional: Além do curso técnico em enfermagem que está cursando, você tem outra formação profissional?**
 NÃO SIM - Especifique: _____
- 10-Renda familiar:**
 1 salário mínimo 2 e 3 salários mínimos 4 e 5 salários mínimos
 acima de 6 salários mínimos
- 12- Em uma escala de 1 a 5, como você avalia o conhecimento adquirido para sua atuação como profissional? Circle o nº que corresponde a sua opção e justifique sua opção.**
1-----2-----3-----4-----5
ruim regular bom ótimo excelente
- Justificativa** _____
- 13- Classifique os estágios realizados durante o curso técnico de enfermagem quanto ao aproveitamento.**
Assinale em uma das opções e justifique.
 Muito aproveitável Pouco aproveitável Nada aproveitável
- Justificativa** _____
- 14- Qual a sua maior dificuldade para realizar / concluir o curso técnico de enfermagem?**
 não liberação pelo empregador dificuldade de aprendizagem/ estudo
 custo de deslocamento cansaço físico outras
Especifique: _____
- 15- Em que áreas de atuação do técnico de enfermagem você tem mais afinidade?**
 clinica medica pediatria ambulatório maternidade bloco cirúrgico
 unidades de saúde UBS outros
- 16 - Marque no quadro abaixo as alternativas que expressam suas experiências profissionais no momento atual e no passado.**
Por gentileza faça seus comentários dentro do formato.
AREA

TIPO DE SERVIÇO
ATUAL ESPECIFICAR FUNÇÃO
NO PASSADO ESPECIFICAR FUNÇÃO
AREA DA SAÚDE
OUTRAS AREAS

Hospital

Clínica Especializada

Atenção Básica

Outros: ESPECIFICAR

17 – Complete o quadro abaixo com o nome das cidades para informar sobre os seus deslocamentos para ir da residência ao trabalho e ao pólo.

Por gentileza faça seus comentários dentro do formato.

RESIDÊNCIA TRABALHO PÓLO

18- Qual a sua expectativa ao final do curso técnico em enfermagem?

Obrigada por sua colaboração!